

A tuberculose avança por falta de conscientização. Nos últimos dois anos, mais de quatro mil animais foram diagnosticados com a doença. Autoridades destacam a importância da sanidade para elevar o consumo de leite e derivados, além de possibilitar a abertura de novos mercados no exterior.

Controle estratégico

A resistência do poder público e a falta de conscientização dos produtores em aderir ao Programa Estadual de Controle e Erradicação da Tuberculose e Brucelose Bovídea (Procetube) mantêm os focos ativos em todo o RS. O Procetube foi idealizado pela comarca de **Arroio do Meio** em 2009.

Conforme mapeamento da Seapi, desde dezembro de 2014, foram detectados 573 focos de tuberculose no RS, sendo 173 no Vale do Taquari. Nos últimos dois anos, mais de quatro mil animais foram sacrificados e a maioria das propriedades submetidas a um vazio sanitário.

Um dos casos mais recentes aconteceu em **Mato Leitão**. Após a realização dos testes anuais de brucelose e tuberculose em abril, foram diagnosticados 28 animais doentes na propriedade de Heitor Kerber, 58, em Sampaio. Kerber é um dos maiores produtores de leite da região. No intervalo de três meses, outros 39 registraram as enfermidades e foram sacrificados. O produtor foi orientado a eliminar todo rebanho e colocar a propriedade em vazio sanitário de 12 meses.

O primeiro foco foi detectado em 2013, quando três vacas foram abatidas. “Faço testes desde 1994. Nunca tivemos problemas de tuberculose. Nossa qualidade e a sanidade do rebanho sempre foram um diferencial elogiado pela cooperativa. Infelizmente precisamos nos desfazer de todo plantel (190 animais).”



Kerber foi orientado a eliminar todos os 190 animais e colocar a propriedade em período de vazio sanitário. Prejuízo chega a R\$ 600 mil

Várias hipóteses são consideradas para que a bactéria tenha atingido o rebanho – ataque de morcegos, gambás, cachorros infectados ou por meio de inseminadores e médicos-veterinários. “Não limpavam as botinas ou não trocaram de roupa entre um e outro atendimento nas propriedades. Com isso, a bactéria pode ter infectado meus animais.”

O prejuízo chega a R\$ 600 mil. Com a paralisação das atividades por no mínimo um ano, a filha caçula, Greice, 18, desistiu de ficar na propriedade e buscou emprego na cidade. “Difícil recomeçar, pois o valor da indenização é muito baixo. Estou desmotivado e com pouca ajuda para continuar.” Kerber receberá uma média de R\$ 1,5 mil

por animal sacrificado. No entanto, cada vaca leiteira está avaliada em R\$ 5,5 mil.

Para reiniciar a atividade, calcula um investimento de R\$ 450 mil, só na compra de animais. “Vamos investir

na produção de grãos, já que não teremos mais sucessores.” Nos últimos 15 anos, a família aplicou mais de 1,1 milhão em máquinas e infraestrutura para qualificar a produção leiteira.

Status abre novos mercados

Conforme o presidente do Fundesa, Rogério Kerber, fazer os testes é uma escolha do produtor. Cabe a ele estar consciente da importância de fazer esse controle e oferecer tanto para a indústria como ao consumidor final um produto de excelente qualidade e de procedência garantida. “Não se pode comprar ou aceitar doação de animais sem fazer os testes. Esse descuido pode resultar em grandes perdas.”

Destaca o trabalho realizado por cooperativas e alguns municípios no Vale do Taquari para conseguir certificar as propriedades leiteiras. Para Kerber, esse status sanitário ajuda a elevar o consumo e garante acesso a novos mercados, como a Rússia. O país exige o atestado de área livre de tuberculose e brucelose na hora de comprar o leite em pó.

Indenização ameniza prejuízo

Dos R\$ 68 milhões arrecadados pelo Fundesa em 2016, R\$ 2,4 milhões foram aplicados na indenização de famílias que tiveram animais abatidos por problemas sanitários. Segundo Kerber, isso significa que

“**Sem controle sanitário, a doença se transforma em uma perda silenciosa na propriedade. É irreversível e prejudica toda cadeia produtiva.**”

Rodrigo Etges,
médico-veterinário